

Entrevista com a professora Maximina Freire: 50 anos de docência e pesquisa em Linguística Aplicada

Interview with the teacher Maximina Freire: 50 years of teaching and research in Applied Linguistics

Entrevista con la profesora Maximina Freire: 50 años de docencia e investigación en Lingüística Aplicada

Maximina M. Freire¹

 0000-0002-7908-1143

Vanessa Ribas Fialho²

 0000-0002-4512-4256

Alan Ricardo Costa³

 0000-0001-8132-6202

André Firpo Beviláqua⁴

 0000-0002-3169-3474

Biografia: A professora Maximina M. Freire doutorou-se em Educação pela Universidade de Toronto, Canadá, em 1997. É docente e pesquisadora na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde concluiu seu Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas em 1992. Sua produção acadêmica abarca 18 artigos publicados em periódicos e oito livros produzidos e organizados. É líder do Grupo de Pesquisa sobre a Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica e Complexidade, a partir do qual orienta inúmeras pesquisas. Até o momento, já orientou 45 dissertações de mestrado e 31 teses de doutorado, além de algumas ainda em andamento. Também já supervisionou cinco estágios de pós-doutorado. É de sua autoria a primeira dissertação de mestrado em CALL (*Computer Assisted Language Learning*) no Brasil (Freire, 1992), obra considerada um dos marcos históricos de inauguração de uma comunidade científica de pesquisa em CALL, que é possivelmente a área mais transdisciplinar de uma área essencialmente transdisciplinar: a Linguística Aplicada (Leffa, 2006). Em dezembro de 2022, a professora concedeu uma

¹ Doutora em Educação pela Universidade de Toronto, Canadá. Professora Assistente da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). E-mail: mmfreire@uol.com.br

² Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Professora Associada da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: vanessafialho@gmail.com

³ Doutor em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Professor Adjunto na Universidade Federal de Roraima. E-mail: alan.dan.ricardo@gmail.com

⁴ Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professor voluntário na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: andre.firpo@gmail.com

entrevista ao projeto CIDOLT (Ciclo de Debates Online sobre Linguagens e Tecnologias⁵). Na entrevista, realizada via *Google Meet*, a Prof.^a Maximina lembrou o início de sua atuação docente, há 49 anos. Assim, em 2023, temos a oportunidade de celebrar uma carreira de 50 anos dedicados à educação, à formação de professores de línguas e à área de CALL, razão pela qual compartilhamos esta entrevista com o público.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista; Maximina Freire; Linguística Aplicada

Biography: Professor Maximina M. Freire received her PhD in Education from the University of Toronto, Canada, in 1997. She is a professor and researcher at Pontifical Catholic University of Sao Paulo (PUC-SP), where she completed her Master's degree in Linguistics Applied to Teaching Languages in 1992. Her academic production includes 18 articles published in journals and 8 books that were produced and organized. She is the leader of the Research Group on the Hermeneutic-Phenomenological Approach and Complexity, in which she advises countless research studies. To date, she has advised 45 Master's degree theses and 31 Doctoral degree dissertations, in addition to others still in progress. She has also supervised 5 Postdoctoral internships. She is the author of the first Master's degree thesis in CALL (Computer Assisted Language Learning) in Brazil (Freire, 1992), a piece considered one of the historic milestones in inaugurating a scientific research community in CALL, which is possibly the most transdisciplinary area of an essentially transdisciplinary area: Applied Linguistics (Leffa, 2006). In December 2022, the professor gave an interview to the CIDOLT project (Cycle of Online Debates on Languages and Technologies). In the interview, carried out via Google Meet, Prof. Maximina recalled the beginning of her teaching career, 49 years ago. Thus, in 2023, we have the opportunity to celebrate a 50-year career dedicated to education, to language teacher training, and to CALL area, which is why we share this interview with the public.

KEYWORDS: Interview; Maximina Freire; Applied Linguistics

Biografía: La profesora Maximina M. Freire recibió su Doctorado en Educación por la Universidad de Toronto, Canadá, en 1997. Es docente e investigadora de la Pontificia Universidad Católica de São Paulo (PUC-SP), donde realizó su Maestría en Lingüística Aplicada a la Enseñanza de Idiomas en 1992. Su producción académica incluye 18 artículos publicados en revistas y ocho libros producidos y organizados. Es líder del Grupo de Investigación sobre el Enfoque Hermenéutico-Fenomenológico y Complejidad, desde el que orienta numerosos estudios de investigación. Hasta el momento, ha dirigido 45 disertaciones de maestría y 31 tesis de doctorado, además de algunas aún en proceso. Ha también supervisado cinco pasantías postdoctorales. Es de su autoría la primera disertación de maestría en CALL (Aprendizaje de Idiomas Asistido por Computadora) en Brasil (Freire, 1992), trabajo considerado uno de los marcos históricos en la inauguración de una comunidad de investigación científica en CALL, que es posiblemente el área más transdisciplinaria de un área esencialmente transdisciplinaria: la Lingüística Aplicada (Leffa, 2006). En diciembre de 2022, la profesora concedió una entrevista al proyecto CIDOLT (Ciclo de Debates Online sobre Lenguajes y Tecnologías). En la entrevista, realizada a través de Google Meet, la Prof.^a Maximina recordó el inicio de su carrera docente, hace 49 años. Así, en el año 2023, tenemos la oportunidad de celebrar 50 años de trayectoria

⁵ Projeto da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em parceria com a Universidade Federal de Roraima, registrado no Gabinete de Projetos - GAP/CAL/UFSM, sob o número 056587, com foco na interlocução entre pesquisadores interessados no estudo da relação entre Linguagem e Tecnologia.

dedicada a la educación, la formación de docentes de lenguas y al área CALL, motivo por el cual compartimos con el público esta entrevista.

PALABRAS-CLAVE: Entrevista; Maximina Freire; Lingüística aplicada

Imagem 1 - Professora Maximina



Fonte: Acervo pessoal de Maximina M. Freire.

Perguntas

1 - Vanessa, Alan e André: Professora Maximina, considerando toda a sua carreira e experiência, como a senhora vê a inserção das tecnologias digitais no ensino e na aprendizagem de línguas no passado e no presente?

Maximina Freire: Penso que a questão da tecnologia foi, no passado, um grande desafio. Quando eu comecei, na década de 90 (agora a gente diz "no final do século passado"), essa questão era um grande desafio. Quando eu dizia que pesquisava a inserção do computador no ensino e na aprendizagem, as pessoas arregalavam os olhos e diziam: "Mas você é louca? O país passa fome e você vai pesquisar sobre o computador no ensino?". Aquilo me revoltava um pouco no início. Eu dizia: "Tudo bem, o computador não vai resolver o problema da fome, mas eu também não vou deixar de pesquisar algo que me intriga apenas porque eu, sozinha, não vou conseguir resolver o problema da fome. Acho que talvez eu consiga resolver outras questões que levem a diminuir os problemas que afetam a

educação de uma forma geral".

Então, no início, era muito difícil. A tecnologia era muito cara. Comprar um computador significava importar um computador. O meu primeiro eu comprei em 1990, foi importado, eu paguei cerca de dois mil dólares, o que na época era uma quantia muito cara. Também era difícil encontrarmos programas para computador, e encontrar pessoas que nos ensinassem a mexer com o computador, especialmente quando era uma mulher que dizia que queria aprender. Aquele era um universo masculino, um universo dos programadores. O que uma mulher queria nesse universo? Havia uma série de dificuldades de diversas naturezas.

Aos poucos, fui vencendo essas barreiras. Na época em que eu decidi fazer o Mestrado (Freire, 1992) e seguir por esse caminho, lembro que havia apenas uma dissertação defendida na área, e era na Educação, do Prof. Fernando José de Almeida, na área de tecnologia direcionada ao ensino de forma mais ampla. Quando fui conversar com uma potencial orientadora, a Prof.^a Heloisa Collins, ela me disse: "Olha, eu também não entendo muito, mas estudo com você!". Ela foi uma pessoa que topou correr o risco de estudar e desbravar essa área. Naquele momento, foi uma atitude de desbravamento de um território desconhecido. O que eu fazia na época era: quando havia alguma feira de informática, eu ia e tentava comprar softwares, geralmente de jogos, pois havia pouca coisa direcionada ao ensino. Aí tentava aplicar ou adaptar para o ensino. E o que havia direcionado ao ensino de línguas, na verdade, era algo muito chato, muito estruturalista, não era bem o que eu queria. Aos poucos, a coisa foi sendo um pouco mais divulgada, e conhecida. As pessoas foram vendo que CALL não era um monstro ou um bicho de sete cabeças.

Acontece que, no nosso percurso de CALL (Paiva, 2019), em que tivemos somente o computador, foi um período muito curto, pois em 1994 e 1995 já tínhamos a internet. Basicamente, a gente saiu da inclusão do computador na sala de aula para a inclusão da internet na sala de aula. Nosso período de CALL com ênfase no *Computer*, um CALL "raíz", foi curto. Logo já passamos para o uso da internet, do e-mail, e tudo se popularizou rapidamente. Houve uma possibilidade de acesso maior. O equipamento barateou, ficou mais acessível. Nesse meio tempo, veio o Windows, que também facilitava o acesso. Era mais fácil de usar, pois você não

precisava de noções de programação. Tudo isso facilitou muito.

Depois vieram as redes sociais. Continuamos com esse sentido de "desbravar", mas o território agora já não é tão desconhecido e misterioso quanto já foi. Ele continua tendo certo mistério, continua tendo muita coisa para descobrirmos, mas temos mais conhecimentos também, um conhecimento prévio que não tínhamos antigamente. Hoje muito mais pessoas se interessam e, por isso, o desenvolvimento da nossa área é muito mais rápido. Se compararmos o desenvolvimento da área no Brasil com o desenvolvimento em outros países, percebemos que começamos mais tarde, mas avançamos muito mais rápido. Nós alcançamos outros países rapidamente.

Ainda temos muito a fazer. Ainda há o grande desafio da infraestrutura, principalmente nas nossas escolas públicas. Não é? Talvez seja esse o nosso maior desafio, junto da questão da formação de professores. Com maior infraestrutura na escola, podemos formar mais e melhor os professores. O desafio continua. E ele sempre vai continuar, porque sempre surgirão coisas novas.

2 - Vanessa, Alan e André: Considerando os 30 anos desde que tivemos a primeira dissertação de Mestrado defendida na área, isto é, a sua dissertação, defendida em 1992, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-SP, como a senhora vê a comunidade de CALL na atualidade? O que mudou?

Maximina Freire: Acho que a comunidade de CALL cresceu bastante, se espalhou por todo o território nacional e está cada vez crescendo mais. Temos uma rede muito grande de pesquisadores e usuários que ainda se localizam numa faixa mais litorânea do país. O maior número de pesquisadores e programas de pós-graduação e instituições que aplicam, fazem experiências e se propõem a divulgar CALL ainda estão nos grandes centros que ficam nessa faixa mais litorânea do Brasil. Lógico, a gente tem Mato Grosso, que é um polo grande de pesquisas na área de Educação a Distância, especialmente, não é? Também nas pesquisas de usos de computador para finalidades educacionais. Mas acho que precisamos trabalhar mais no sentido de expandir essa rede, tentando abranger ainda mais o território nacional como um todo. Acho que nós temos feito muito.

Se olharmos para trás, nesses trinta anos, e olharmos para o agora, tínhamos pesquisas e eventos que pegavam muito mais o sudeste do Brasil, algo mais centralizado no eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Depois foi para um polo no Sul, principalmente no Rio Grande do Sul. Aí esses eixos foram crescendo e se unindo. Esses polos cresceram quase que simultaneamente, e se uniram; com isso, foram formando pessoas que vieram do Norte e do Nordeste, e que depois voltaram e foram desenvolvendo CALL lá, implicando na criação de novos polos de pesquisa no Norte, no Nordeste e no Centro-Oeste. Essas redes vão crescendo e se conectando. Não vejo que a rede saiu do sul e do sudeste e foram pra lá. Eu vejo que pessoas também vieram de lá, aprenderam muitas coisas daqui, pois eram centros que começaram a se desenvolver, mas essas pessoas retornaram e criaram centros lá, e estão se ramificando, formando teias, cobrindo - como continuamos fazendo, né? - todo o território nacional. Acho que estamos fazendo, na medida do possível, aquilo que era o esperado, o que todos queríamos fazer: queríamos não ficar nos nossos clubinhos, mas sim fazer intercâmbio. Seria muito bom se tivéssemos mais financiamento, mais verbas para pesquisa, que pudéssemos incentivar mais esse intercâmbio, e eu me refiro nacionalmente. Eu sei que a internacionalização é uma coisa muito importante, mas eu fico preocupada, em primeiro lugar, com a nacionalização. Acho que primeiro precisamos nos fortalecer como nação, talvez seja uma coisa simultânea, não primeiro. Acho que precisamos desse fortalecimento ao mesmo tempo, nacional e internacionalmente.

Eu vejo que a pesquisa, às vezes, pende para a internacionalização, deixando um pouco de lado o intercâmbio nacional. Acho que não podemos abrir mão disso, porque, quanto mais crescermos como nação, como pesquisadores brasileiros, mais teremos força internacionalmente. Temos que ir nas duas direções ao mesmo tempo. Nesse sentido, temos muito a fazer, pois somos um país muito grande. Nossos desafios são sempre muito grandes. Muitas vezes as pessoas vêm e citam o exemplo da Finlândia. Realmente, a Finlândia é um calo no meu sapato, me desculpem os finlandeses (risos). Porque a Finlândia é do tamanho do município de São Paulo, de São Caetano do Sul, que é o município de melhor nível de vida, de saúde, de educação. Lógico que quando você diminui o tamanho, diminui o número

de pessoas, também diminui o número de problemas. Não dá para comparar Brasil e Finlândia. Lá os problemas são menores. Talvez seja mais fácil equacioná-los... aqui temos um desafio imenso! Então, talvez, levaremos mais tempo, já estamos levando mais tempo, mas acho que estamos no caminho certo. Eu acho que, se considerarmos essas três décadas de pesquisa em CALL, já fizemos bastante coisa. Poderíamos ter feito mais. Mas, puxa vida, também poderíamos ter feito menos também (risos). Ao invés de olharmos o que falta no copo para enchê-lo, podemos olhar para o que já está cheio. Acho que temos que ter um certo otimismo, ou não conseguimos. Eu continuo sendo otimista, ou eu não estaria na educação, dando aula, depois de 49 anos de magistério.

3 - Vanessa, Alan e André: Ao longo da sua trajetória acadêmica, podemos perceber sua atuação em temas como a formação tecnológica de professores e Educação a Distância e, mais recentemente, a senhora traçou um diálogo entre Paulo Freire e Edgar Morin (Freire, 2021; Freire; Brauer, 2021). De que forma esses autores contribuem para as pesquisas em CALL no Brasil?

Maximina Freire: Eu vejo os dois autores travando um diálogo educacional muito importante. Em primeiro lugar, ambos se posicionam de forma bastante combativa em relação ao paradigma simplificador e reducionista. Paulo Freire vê no diálogo, na interação, uma forma de vencer a hegemonia que o paradigma tradicional coloca, entre aquele que detém o conhecimento e aquele que precisa do conhecimento. Então, o diálogo é aquele que vai aniquilar esse distanciamento, porque ninguém detém o conhecimento. Como diz Nicolescu (1999), o conhecimento está sempre em construção, portanto, ninguém detém uma coisa que não está pronta. E o professor também está construindo conhecimento através do diálogo, continua aprendendo com o aluno, que também vai aprendendo nessa interação em que um ensina o outro. Eu, como professora, posso ajudar o meu aluno a construir conhecimentos que ele necessita, assim como esse aluno me ajuda a construir conhecimentos que eu não tenho. Muitas vezes, o aluno vem de uma realidade que eu posso não conhecer, e é esse diálogo que vai me ajudar também a crescer.

Já na visão do Morin, o conhecimento está em construção, a totalidade não

existe e o aluno e professor estão em formação. Achar que um está formado é um erro, é uma ilusão. Eu preciso conhecer a condição humana, ver que meu aluno é um ser humano como eu e que não há diferenças. Existe diversidade, mas a diversidade faz parte da vida. Existem contradições, que são partes da vida. Existem conflitos, mas alguns conflitos eu soluciono, outros conflitos eu tenho que aprender a conviver com eles. As visões de mundo desses dois filósofos-educadores são complementares e podem ser vistas como vias paralelas que, em alguns momentos, se encontram, se distanciam e voltam a se encontrar. Ou seja, elas não são paralelas o tempo todo, elas conversam, dialogam.

O diálogo de Freire é o da interação, a dialógica do Morin é a complementaridade dos opostos. Não é exatamente a mesma coisa, mas esses opostos fazem com que eu entenda mais uma parte desse todo que eu estou construindo. Nesse caso, eu tenho uma aproximação dos dois, como partes do todo e o todo da parte, formando um grande holograma. Professores e alunos, como partes de um grande sistema educacional, cada um com suas características, com suas peculiaridades, com suas semelhanças, com suas diferenças, mas trabalhando juntos nesta interação, em momentos de ordem e de desordem.

Conhecer os dois autores traz para o professor conhecimentos que o ajudam a lidar com questões do dia a dia, da sala de aula, da disciplina, por exemplo. A indisciplina na sala de aula hoje em dia, advinda de várias questões, pode estar relacionada com o fato de a escola ainda querer disciplinar o aluno, que permaneça sentado, calado, ouvindo alguém falar alguma coisa que muitas vezes não é do seu interesse. Morin (2000) chama isso de conhecimento pertinente e Paulo Freire (1993) chama de temas geradores, conhecimento da vida. Morin, a partir da articulação de vários autores, mostra a existência de pensamentos muito semelhantes, em épocas diferentes, em locais diferentes, apontando que a complexidade é um traço do ser humano. E Freire tem traços bastante complexos.

Acho que é muito importante, na formação do professor, a gente ler sobre essas várias pessoas que foram muito à frente do seu tempo, que eu chamaria de pessoas iluminadas. Paulo Freire foi uma pessoa iluminada, tirando qualquer viés político que esteja deturpado. O que ele queria era alfabetizar o nosso povo, dar

poder ao nosso povo. A partir do momento que tivermos pessoas empoderadas e pessoas que tenham esse conhecimento teórico e prático, elas serão capazes de criar contextos de ensino e de aprendizagem muito mais poderosos e potentes, fazendo com que as nossas crianças vejam muito além de um livro didático, com que elas tragam o mundo para sala de aula e levem a sala de aula para o mundo.

Morin diz que quando a criança entra na escola, ela aprende a separar tudo. Depois, quando ela sai da escola, ela cai no mundo do trabalho que não quer que ela separe mais nada, pois quer um profissional que saiba dar conta do problema e que saiba procurar a solução, não abrindo caixinhas, mas articulando aquilo que ele sabe procurar, onde tiver que procurar, juntar as peças e chegar na solução que precisa. Então a escola separa aquilo que o mundo quer que junte. Nesse sentido, temos mais uma aproximação entre Morin e Freire.

4 - Vanessa, Alan e André: Em 1999, a senhora apresentou um trabalho sobre a preparação do material didático para cursos a distância (Freire, 1999). Quase 20 anos depois, a senhora participou de uma Mesa Redonda na X Jornada de Elaboração de materiais, Tecnologias e Aprendizagem de Línguas (JETAL), sobre o design de cursos pela via da Complexidade. Hoje em dia, o design para cursos a distância e híbridos segue sendo um tema necessário?

Maximina Freire: Acho que sim. Acho que é fundamental. Acho que quando pensamos em desenhar cursos a distância, temos que ter um suporte que permita que nos estruturamos, para podermos articular teoria e prática. Acho que essa articulação teoria e prática não é algo que eu vá fazer de forma exploratória, de forma descuidada, eu preciso ter uma orientação, preciso ter um design, que me dê pelo menos uma estrutura para eu poder desenvolver esse curso. Eu não estou pensando num design fechado, como as primeiras propostas de design que nós tínhamos, em que tudo estava pensadinho, articulado, e amarrado. Eu acho que o design que temos que pensar hoje é um design que tenha flexibilidade.

A proposta de design que eu faço, Design Educacional Complexo (DEC), é uma proposta de design baseada na negociação entre professor e aluno. Ela tem um esqueleto. Lógico, o professor precisa ter até, institucionalmente, uma noção de

objetivos a alcançar. Por conta desses objetivos, ele pode traçar um esqueleto, ele sabe de onde sai e sabe onde vai chegar, certo? Isso pode ser compartilhado com os alunos. E a forma como ele chegará nesse ponto final é uma forma que pode ser negociada com os alunos, dependendo da estrutura, dependendo do tempo, dependendo do tipo de curso, essa negociação pode ser mais ou menos acentuada, pode-se ter aspectos negociáveis e aspectos não negociáveis. Por exemplo, a questão de tempo. Se for um curso que faça parte da graduação, ou parte da educação continuada, ele tem uma duração específica, ou seja, são aspectos que não podemos negociar. Se é um curso de uma instituição que tem um padrão de avaliação definido, também não é possível negociar a forma com que ela acontece. Tem uma avaliação final que vale X, você pode acrescentar outras formas de avaliação, mas você não pode tirar aquela que institucionalmente é prevista. Mas acho que o design é fundamental. Ele fornece um direcionamento de como nós e os alunos podemos seguir. O design faz com que o aluno perceba que aquilo que está sendo feito tem um motivo. Ele sai de um lugar e vai para outro. Se não, as coisas ficam meio soltas. Sabe aquele comentário que às vezes o aluno faz? Um aluno falta à aula e pergunta para o outro: "o que o professor fez hoje?". E o aluno: "ele não fez nada, ele deu um vídeo". Como se o vídeo fosse só para tapar um buraco, quando na verdade o vídeo tem uma função específica dentro do curso. Pode ter uma função. Pode ser só um tapa-buraco, mas pode ter uma função específica. Então acho que design é fundamental.

5 - Vanessa, Alan e André: A senhora propõe um projeto de Ciclos de Formação de Educadores no qual busca estabelecer articulação entre teoria e prática que se consolide tanto na elaboração de propostas de ensino de línguas como na auto-hetero-ecoformação docente (Freire; Leffa, 2013). A parte prática do projeto prevê a preparação e a avaliação de ambientes e materiais didáticos digitais, por exemplo, que poderão ser utilizados em ambientações diversas. Qual a importância de compartilhar os materiais produzidos e de que forma estes poderiam contribuir com a formação inicial e continuada de novos professores?

Maximina Freire: Bom, esse ciclo de formação de educadores surgiu com uma finalidade bastante importante. Praticamente todos os membros do grupo, incluindo eu, são ou foram bolsistas. Eu fui bolsista tanto no Mestrado quanto no Doutorado, sendo que tive o Doutorado integral no exterior. Vemos nesse ciclo de formação uma oportunidade de reverter essas bolsas que recebemos e de compartilhar nossos conhecimentos com outras pessoas. Nossa ideia é oferecer cursos, que podem ser de curta duração, oficinas ou palestras, que não são pagos, principalmente para professores da rede pública, mas não somente a eles. Nós priorizamos professores da rede pública. Havendo vagas, aceitamos também professores da rede particular, de escolas de idioma ou alunos da graduação.

Tínhamos em mente oferecer cursos com maior regularidade, mas a pandemia dificultou um pouco essa oferta. Mesmo assim, desde 2000, oferecemos cerca de cinco ou seis cursos para professores de inglês, sendo que dois deles foram sobre o WhatsApp. Esse era o local onde o curso acontecia, era realizada a preparação de aula e a discussão de recursos digitais que poderiam ser usados, exatamente porque estávamos no contexto remoto. Portanto, foram cursos em que os professores aproveitaram bastante, pois tinham ideias, discussões, aplicavam e traziam resultados. Esses foram cursos de seis semanas, um pouco mais longos.

Pretendemos organizar e documentar as orientações a respeito de como as pessoas podem utilizar os cursos que já fizemos em outros momentos, a partir de um banco de materiais que possam ser compartilhados com outras pessoas para que elas possam dar momentos de formação em suas próprias escolas, pegando os momentos de HTPC (Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo). Eu não sei se vocês chamam da mesma forma, mas nós temos nas nossas escolas um horário em que os professores se reúnem para discutir questões da escola, planejamentos etc. Nessas horas, o coordenador pedagógico, por exemplo, dá alguma atividade ou cursos de formação. Nesse caso, esses formadores poderiam utilizar esse material para promover formação ou poderiam até convidar os próprios membros do grupo para desenvolverem formação na própria escola.

O nosso plano para o próximo semestre é continuar com esses cursos, tanto para professores da rede como para alunos da pós-graduação. Temos percebido

que a questão de metodologia de pesquisa tem sido um problema, então teremos, também, discussões e apresentações sobre metodologia de pesquisa.

Referências

FREIRE, Maximina. *A interação e simulação computadorizada: uma proposta em CALL*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

FREIRE, Maximina. O professor e a preparação do material didático para cursos a distância. *In: SEMANA DE LETRAS UNESP IBILCE*, 11., 1999, São José do Rio Preto. *Anais [...]*. São José do Rio Preto: UNESP, 1999. p. 18.

FREIRE, Maximina. Sinuosidade epistemológica e complementaridade entre Paulo Freire e Edgar Morin. *In: FREIRE, Maximina Maria (org.). Paulo Freire e Edgar Morin: emancipação e complexidade*. São José do Rio Preto: HN Editora, 2021. v. 1, p. 110-127.

FREIRE, Maximina; BRAUER, Karin Claudia Nin. A complementaridade de um diálogo entre Paulo Freire e Edgar Morin. *Educação & Linguagem*, São Bernardo do Campo, v. 24, p. 63-82, 2021.

FREIRE, Maximina; LEFFA, Vilson José. A auto-heteroecoformação tecnológica. *In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). Linguística aplicada na modernidade recente*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. v. 1, p. 59-78.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e terra, 1993.

LEFFA, Vilson José. A aprendizagem de línguas mediada por computador. *In: LEFFA, Vilson J. (org.). Pesquisa em linguística aplicada: temas e métodos*. Pelotas: Educat, 2006. p. 11-36.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999.

PAIVA, Vera Menezes de Oliveira e. Tecnologias digitais no ensino de línguas: passado, presente e futuro. *Revista da ABRALIN*, v. 18, n. 1. 2019.

Data da entrevista: 07/12/2022.



FREIRE, M. M.; FIALHO, V. R.; COSTA, A. R.; BEVILÁQUA, A. F.
Entrevista com a professora Maximina Freire: 50 anos de docência e pesquisa em Linguística
Aplicada

Recebido em: 11 ago. 2023
Aprovado em: 25 set. 2023.

Revisora de língua portuguesa: Vivian Campagnolli Bergantini Saviolli
Revisor de língua inglesa: Otto Ferreira
Revisora de língua espanhola: Patrícia Cardoso Batista

